O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 416

11 DE JULHO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

As famosas e lendarias luctas de gregos e troyanos, de guelfos e gibelinos, que tanto deram que fallar á historia, encontraram em Lisboa uma reproducção em miniatura nas luctas dos americanos e dos ripperts, luctas que se não dão muito que fallar á historia em compensação tem dado bastante que fazer á policia.

Uma recente postura da camara municipal de Lisboa, veio agora reacender, reavivar essas luctas homericas.

E no emtanto essa postura afigura-se-nos — sem parcialidade por nenhum dos partidos belligerantes — a coisa mais logica e mais justa d'este mundo.

Determina ella, essa postura pomo de discordia, e que tem alvoraçado Lisboa, que todos os carros de carreira que circulam pelos *rails* do americano se affastem e deem immediata passagem, aos carros da companhia que é proprietaria d'esses rails logo que elles se approximem.

Nada mais correcto, mais legal e mais racional.

Uma companhia de viação por um systema novo em Portugal, pede á camara licença e privilegio para collocar nas ruas da cidade *rails* de ferro para serviço dos seus carros.

A camara concede essa licença e dá esse previlegio.

A companhia assenta os seus carris, começa a sua exploração, e d'ahi a tempo apparece uma multidão de carros d'outras companhias, carros construidos expressamente para andar sobre esses carris, e vem fazer-lhe uma concorrencia enorme, e servindo-se dos carris que essa companhia assentou á sua custa e de que tem o previlegio, não vão só estragar-lhe esses *carris*, sem lhe dar indemnisação alguma, como tambem tomando a cada momento o passo aos seus carros, impede-os de transitar livremente por esses rails, obrigando-os a continuadas demoras, a repetidas e longas paragens, não só com grave prejuizo para os interesses d'essa companhia, como tambem com grave prejuizo para o publico que transita n'esses carros.

É justo, é regular, é admissivel isto?

Creio bem que não.

Que a companhia dos americanos não possa ter o direito exclusivo de transitar pelos seus rails, porque elles apesar de serem seus, estão collocados na via publica, que é de todos, e porque esse exclusivo mesmo que fosse concedido, seria difficil de pôr em execução, comprehende-se; ainda que no Porto por exemplo, os tribunaes reconheceram e deram esse exclusivo á companhia dos americanos; agora que se permitta que os outros carros feitos expressamente para andar por essas linhas, que não são suas, não contentes de se servirem d'ellas, prejudiquem voluntaria e propositadamente o serviço dos carros da companhia proprietaria d'esses *rails*, que elles exploram, é que não póde ser de maneira nenhuma.

E' o que não póde ser, mas é o que tem sido até agora.

E' um facto bem notorio que toda a gente tem visto todos os dias em todas as ruas, essa guerra de pirraças que os cocheiros de todos os carros de carreira fazem aos carros americanos, usando da possibilidade que tem de andar fóra dos *rails*, não para desempedirem a linha para esses carros, que de ella são proprietarios, seguirem o seu caminho, mas pelo contrario, para lhes passarem a diante a tomar-lhes o passo e obrigal-os a sujeitar o seu andamento pelo andamento morosissimo das suas pilecas, a parar quando elles param, a seguir pacientemente essa longa odysséa, de passageiros que entram de passageiros que saem, de mulas que caem, de tirantes que se quebram, que constitue a viagem d'esses carros na sua maioria immundos e pelintras, que de repente surgiram em Lisboa como bichos de conta em dia de chuva.

Ora eu comprehendo perfeitamente que todos esses carros tenham o direito de fazer as suas carreiras, — ainda que muitos d'elles podessem talvez ser condemnados por uma inspecção minuciosa ás garantias de segurança que

CARDEAL VICENSO VANNUTELLI — Pro-Nuncio de Sua Santidade em Lisboa
(Segundo uma photographia)

offerecem ao publico, mas o que não comprehendo é que elles tenham o direito de explorar em seu proveito os *rails* do americano — que tem o previlegio d'esses *rails* — e ainda por cima o direito de estorvarem n'esses *rails* o serviço dos proprios carros da companhia proprietaria e concessionaria da linha.

Essa propriedade deu aos carros americanos o direito de fazerem affastar da sua linha, apitando, as carruagens particulares ou de praça, as carroças e os demais vehiculos, que se achem sobre os *rails* na occasião dos carros irem a passar.

E esse direito foi acceite sem nenhuma reclamação e sem nenhum protesto por todos os interessados, e todas as carruagens, todas as carroças, se affastam ao aviso do apito dos americanos.

E por coincidencia especialissima e originalissima os unicos vehiculos que não reconhecem esse direito, que não obedecem á intimação de se affastar, são precisamente aquelles que se servem d'esses *rails* que lhes não pertencem, para prejudicarem e fazerem concorrencia, á companhia que d'esses *rails* é proprietaria.

A postura da camara municipal não fez senão regularisar esse serviço e obrigar os carros da carreira a fazer o mesmo que todos os outros vehiculos, a affastarem-se da linha quando os carros americanos querem passar.

Mas esses carros habituados a impedir o transito dos americanos, de proposito, de caso pensado e de rixa velha, — é a occasião de empregar estes termos todos com legitima propriedade — não estiveram pelos ajustes e continuaram a não fazer nenhum caso do apito.

Então a policia interveio e interveio muito bem obrigando os carros a affastarem-se e autoando os cocheiros que não obedeciam a essa ordem.

E os cocheiros para demonstrarem bem a sua má vontade, o seu proposito de prejudicar o serviço da companhia dos americanos, cortavam as rédeas aos cavallos, deixando os carros sobre a linha exactamente para mesmo depois de autoados e de presos deixarem a linha tomada e impedirem o transito dos carros americanos.

E o povo juntava-se em enorme multidão a presencear estes casos, e os passageiros dos carros autoados protestavam, e com sua razão porque tendo pago a sua passagem se viam prejudicados desde o momento em que os carros não podiam continuar a carreira; os passageiros dos americanos protestavam tambem, e com os protestos vinham as sentenças, cada cabeça cada opinião, um tumulto, uma berraria, um ajuntamento enorme a cada passo, ajuntamento, berraria, tumulto, que durante dois dias trouxe a baixa alvoraçada. No fim d'esses dois dias a policia deixou de fazer as autoações e as prisões, mas segundo cremos, e segundo deve de ser, não porque resolvesse deixar sem execução a postura municipal, mas porque adoptasse outra maneira menos ruidosa de a fazer cumprir.

*
* *

Se me não engano é a primeira vez que n'estas chronicas me occupo d'estas questões de americanos e naturalmente não voltarei tão cedo a ellas e por isso mais duas palavras ainda sobre o assumpto.

A companhia dos americanos veio prestar um grande serviço á cidade, veio encurtar as distancias, veio acabar com os bairros affastados, e deve-se-lhe a ella esse enorme movimento de grande cidade, que tem hoje Lisboa e que não tinha quando começaram as carreiras dos americanos, pois ainda me lembro perfeitamente das prophecias que muita gente fazia, da companhia quebrar, por não haver publico que a sustentasse.

Prestou um grande serviço a companhia dos americanos, é certo, mas o que é tambem certo é que as direcções que ella tem tido, tem deixado muito a desejar e que o publico tem tido por muitas vezes razão de queixa.

O que é o serviço dos americanos sabe-o toda a gente, porque a toda a gente tem acontecido estar horas e horas á espera d'um carro para um determinado ponto, sem elle apparecer, e depois apparecerem dois ou tres, atraz uns dos outros para esse mesmo sitio: toda a gente se tem molhado em dias de chuva e de frio nos carros abertos, e abafado nos dias de calôr em carros fechados. A questão dos preços tambem é muito extraordinaria; d'um ponto para outro ponto ha dois e tres preços diversos: de qualquer sitio a Alcantara é meio tostão, de qualquer sitio a Belem, tres vintens, etc., etc.

Emquanto ao serviço dos *Ripperts* e dos outros carros de carreira não é melhor que o dos americanos, mas ainda assim o publico deve-lhes um grande favor: todos os melhoramentos introduzidos no serviço dos americanos.

E' aos carros Ripperts e a esses carros de carreira que se deve o abaixamento do preço das carreiras dos americanos, e em summa todas as vantagens que a concorrencia traz sempre para o publico.

Para o publico seria uma calamidade que essa concorrencia cessasse, que essas diversas companhias desapparecessem e ficasse só em campo a dos americanos, mas isto não é uma razão para fecharmos os olhos á justiça e á logica, e para não entendermos que é perfeitamente um abuso a que a auctoridade deve pôr energicamente cobro o uso illegal e *obstrucionista* — vá lá a phrase parlamentar — que as outras companhias fazem dos *rails* que não são seus.

*
* *

E agora reparo que com a magna questão dos americanos e ripperts tenho feito toda a chronica d'hoje.

Não o lamento muito, porque esta questão é da actualidade, e tem sido muito fallada e discutida nas conversas e nos jornaes, mercê tambem da falta de assumptos que tem havido por ahi.

Tinha é verdade hoje uma bella occasião para tratar dos livros que na minha ultima chronica citei, mas não tenho tido tempo para tomar conhecimento com todos elles.

Logo que esse conhecimento seja feito, direi d'elles aos meus leitores.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

O CARDEAL VICENSO VANNUTELLI

A IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO

No dia 6 do corrente celebrou-se na capella do Paço d'Ajuda, com a assistencia de Suas Magestades e toda a côrte, a cerimonia da imposição do barrete cardinalicio a Monsenhor Vicenso Vannutelli, nuncio de Sua Santidade em Lisboa desde 1883 e elevado á dignidade de cardeal, no ultimo consistorio.

Foi uma festa da côrte como raras vezes se dá, subordinada a um cerimonial extremamente complicado e aparatoso.

Pelo meio dia achava-se reunido na capella da Ajuda, o ministerio, as deputações das duas casas do parlamento, grande numero de titulares, corpo diplomatico e o episcopado portuguez representado pelo sr. Cardeal Patriarcha, arcebispo de Mytilene e do Algarve, bispo da Guarda e de Bethsaida e comitiva, que aguardavam a entrada de Suas Magestades na capella real.

Suas Magestades El-rei D. Carlos e rainha D. Amelia, tomaram logar no throno, em frente do qual Monsenhor Vannutelli, sentado em uma cadeira, dava a direita ao sr. Cardeal Patriarcha que se sentava a seu lado.

A cerimonia principiou por uma missa resada pelo sr. conego Almeida, depois da qual foi lida a Letra Apostolica que eleva á dignidade de cardeal Monsenhor Vannutelli, fazendo em seguida monsenhor Tonte, oblegado, uma allocução em latim dirigida a El-Rei, que respondeu na mesma lingua.

Depois Monsenhor Vannutelli ajoelhando diante de El-Rei, recebeu das suas mãos o barrete cardinalicio que fôra entregue a Sua Magestade pelo portador enviado de Sua Santidade, o sr. conde Alvaro de Castro.

O novo cardeal agradeceu a El Rei e retirando-se por alguns momentos, voltou revestido de purpura, cantando se então o *Te-Deum* acompanhado pela musica da Real Camara.

Finda a cerimonia religiosa, passaram todos á salla da recepção, onde Suas Magestades tomaram logar no throno, sentando-se o novo cardeal em uma cadeira em frente do mesmo, por alguns momentos depois dos quaes, El-Rei dirigindo a palavra ao cardeal, conforme as praxes, se trocaram cordeaes felicitações.

O sr. Cardeal Vannutelli foi depois muito comprimentado por toda a côrte, comprimentos que agradecia commovido, reconhecendo o quanto é estimado pela sociedade portugueza.

Finda esta recepção passou-se ao buffete onde foi servida uma opipara refeição.

ALGUMAS NOTAS BIOGRAPHICAS

Vicenso Vannutelli, nasceu em Genazano, pequena cidade da diocese de Palestrino, a 5 de dezembro de 1836.

Pertence a uma opulenta familia que conta em seus membros alguns altos dignitarios da egreja, como o arcebispo de Nicea, cardeal Vannutelli, nuncio em Vienna, etc.

Estudante dedicado e intelligente, aos 22 annos de idade era doutor em theologia e aos 25 laureado em direito canonico e em direito civil.

Ordenado sacerdote foi-lhe dada a regencia da cadeira de theologia dogmatica e moral no seminario de S. Pedro do Vaticano.

Dois annos depois, em 1863 deixava o seu logar de professor para acompanhar a Monsenhor Oreglia de Santo Stephano inter-nuncio na Hollanda, como seu secretario.

Principiava assim a sua carreira diplomatica, em que tanto se havia de distinguir.

Transferido Monsenhor Oreglia nuncio para Bruxellas, foi tambem promovido a auditor o reverendo Vannuletti, e n'essa qualidade o acompanhou.

Em Bruxellas se conservou todo o tempo que ali esteve Monsenhor Oreglia, e ainda depois d'este se retirar dirigiu os negocios por mais d'um anno.

Em 1875 foi lhe confiado o importante cargo de *Sustituto della segretaria do Stato*, logar de inteira confiança e grandes responsabilidades, e que desempenhou honrosamente até á morte de Pio IX.

Leão XIII transferiu-o para auditor de Rote, mas pouco depois, em 1880 nomeou-o Delegado Apostolico e Vigario Patriarchal para os Latinos, em Constantinopla.

Foi difficil a missão que o Papa lhe confiou, mas nem por isso os resultados foram menos proveitosos para a Egreja Catholica, graças á finura e prudencia de animo do illustre prelado.

Outra commissão importante lhe foi tambem confiada por Sua Santidade, a qual de o representar como seu Embaixador Extraordinario em Moscow por occasião da coroação do Czar.

O modo brilhante como se desempenhou d'esta missão confirmou-lhe os creditos de um primeiro diplomata, indigitando-o para as mais elevadas missões.

Foi assim que o eminentissimo cardeal Vannutelli veio para Lisboa, em 1883, como nuncio de Sua Santidade, e aqui se tem desempenhado da sua missão de modo superior.

Os seus serviços tem sido reconhecidos pelo chefe da Igreja Catholica, e provam-o a alta dignidade com que Sua Santidade e o Consistorio o acabam de honrar, devendo notarmos que na familia Vannutelli é este o segundo cardeal que conta em curto espaço de tempo, caso singular e que tem sido geralmente notado como extremamente honroso para tão illustre familia.

Apesar da dignidade a que acaba de ser elevado o eminentissimo cardeal Vannutelli será ainda conservado por algum tempo em Lisboa Pró-Nuncio de Sua Santidade, o que é de grande honra para o digno representante da Santa Sé e para Portugal, pois não é costume este logar ser desempenhado por tão alta cathegoria.

O sr. cardeal Vannutelli vae a Roma no proximo mez de agosto receber o chapeu cardinalicio e o annel, voltando depois a Lisboa a occupar o seu posto

ARTE PORTUGUEZA NO «SALON»

A LIÇÃO DO AVÔ

QUADRO DE SOUSA PINTO

Apresentamos hoje aos nossos leitores uma copia de um quadro de artista portuguez, do sr. Souza Pinto, de quem o OCCIDENTE tem reproduzido em suas paginas os mais notaveis quadros devidos ao seu pincel.

Este que hoje publicamos *A Lição do Avô*, é uma das obras d'arte portugueza que figurou no ultimo *Salon* de Paris, onde foi muito apreciado.

Quadro portuguez feito em Paris, portuguez pelo seu auctor, portuguez pelo assumpto.

Ali repruduz o já distincto pintor, uma scena da vida dos nossos pescadores, em que logo á primeira vista se reconhece o typo portuguez perfeitamente estudado.

O velho pescador ensina pacientemente o seu pequeno neto a fazer uma rede, elemento indispensavel para o ganha vida do futuro pescador que ali está criando.

Aquella é a sua cartilha do A B C. Não conhece outra nem talvez d'ella ouvisse falar, e assim ensinando o que sabe habilita o seu neto a ser o mesmo que elle — um ignorante.

D'outro modo tambem não haveria quem se sujeitasse áquella vida rude e cruel, em que a cada momento se joga a vida em troco do magro passadio d'algumas horas.

E quanto poderá o phylosopho meditar, em presença d'esta téla, retrato fiel da vida real?!

ELVAS — FONTE DA MISERICORDIA

Possue a cidade d'Elvas um soberbo aqueducto que a abastesse d'agua, conduzindo-a da Amoreira, de que toma o nome.

Este aqueducto, construido a espensas do povo d'Elvas, no seculo XVII, custou enormes sacrificios á população, para o que basta dizer que se dispendeu na obra duzentos mil cruzados, ou oitenta contos de réis, n'uma epocha em que os operarios que ali trabalharam, ganhavam 18 réis de jornal.

Levou muitos annos a fazer esta obra, por vezes interrompida e depois continuada, até que a 23 de junho de 1622 correu pela primeira vez agua, conduzida por este aqueducto, na Fonte da Misericordia, que a nossa gravura reproduz d'uma photographia.

Foi, portanto, esta a primeira fonte que se fez em Elvas, cujo plano delineado por Diogo Marques, se lhe não podemos chamar elegante é pelo menos muito original e curioso, caracteristico da epocha em que foi feito.

Sobre um plinto de cantaria erguem-se seis columnas sustendo uma cupula caprichosamente rematada. No intervallo de columna a columna, junto a base das mesmas, estendem-se outros tantos golphinhos formando as bicas por onde corre a agua para a bacia da fonte, talhada tambem em pedra concheada. No centro, circumdado pelas seis columnas, levanta-se um pequeno pedestal sobre que assenta uma pequena estatua equestre esculpida em pedra, e que a tradição diz representar D. Sancho II, o restaurador da heroica e leal cidade d'Elvas.

Esta esculptura, porém, é bastante rude e não abona o auctor, pois aliás n'aquella epocha já se produzia melhor esculptura.

O dia da inauguração d'esta fonte foi um dia de grande festa em Elvas, apesar de não haver memoria escripta d'esse facto, mas como muito bem deduz o sr. Victorino d'Almada na sua excellente obra *Elementos para um Diccionario de Geographia e Historia Portugueza — Concelho d'Elvas*, etc.; — livro a que nos soccorremos para esta breve noticia — a inauguração de tão grande melhoramento, anceado por aquelle povo desde tantos annos, foi celebrado com todas as festas usadas no tempo, em que as touradas, as danças, cavalhadas e outros folgares constituiam o regosijo publico.

A *Fonte da Misericordia* é das coisas mais curiosas para vêr em Elvas, e difficilmente passará desapercebida ao visitante como nos não passou a nós quando ali estivemos.

CAVALLO ELECTRICO DE SLATTERY

Entre as numerosas applicações que a força electrica está tendo, apparece na America um vehiculo movido pela electricidade, a que o seu auctor Mr. Slattery denominou *Cavallo Electrico*.

Em forma de velocipede este pequeno vehiculo tem a força de meio cavallo de vapor ministrado por um motor electrico composto de uma bateria de 13 accumuladores, acommodada em uma caixa collocada sobre o eixo das duas rodas trazeiras.

Estas duas rodas, que recebem movimento do motor, é que fazem andar o vehiculo, servindo a roda da frente para o dirigir de um para outro lado.

A' vista da gravura facilmente se comprehende o resto.

Este vehiculo extremamente economico, roda facilmente sobre terrenos regularmente planos ou ligeiramente accidentados, e esta se generalisando na America com o espirito pratico que caracterisa aquelle novo mundo.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 414)

Corveta *«Estephania»* [1] construida em Inglaterra no anno de 1859 da lotação de 2368 toneladas, é o navio que pelo seu tamanho se impõe mais como embarcação de guerra depois do *Vasco da Gama*.

Tem de comprimento 66,m 80, de bocca 13,m 60, e 400 cavallos nominaes, com o andamento de 10 milhas por hora.

O seu armamento compõe-se de 9 peças d'um systema muito antigo. (Palliser)

Este navio acompanhou a *Affonso de Albuquerque* em 1886, quando esta levava a seu bordo S. M. El-Rei D. Luiz em viagem ao estrangeiro. Por essa occasião éra tal o estado das suas caldeiras, que chegando a *Affonso de Albuquerque* a Inglaterra a *Estephania*, só o poude fazer 9 horas depois, e mesmo assim tendo atrazado o andamento ao outro navio.

Esta corveta apezar de ter sido muito boa, não foi muito feliz nas suas viagens, tendo em uma d'ellas, por occasião de se inaugurar o canal de Suez, voltado ao Tejo completamente desarvorada.

Depois da sua ultima viagem em 1886, foi abandonada no Tejo, estando completamente perdida. Actualmente serve de deposito de polvora.

Corveta *«Bartholomeu Dias»* [2] construida em Inglaterra no anno de 1858, da lotação de 1243 toneladas, e 400 cavallos de força com o andamento de 10 milhas por hora, tem de comprimento 68,m 30, de bocca 12,m 20.

Este navio vai ser armado com artilheria moderna, comprada recentemente na Allemanha.

Como vêem é um navio muito antigo e muito cançado, apezar de já ter sido reconstruido, e ainda ultimamente ter recebido caldeiras novas etc. Teve que desempenhar uma commissão no Brazil por occasião do advento da republica n'aquelle paiz, foi nas peores condições, pois na volta de Pernambuco para Lisboa gastou 52 dias, quando uma viagem regular d'aquelle para este porto é de 11 a 15 dias.

N'este navio, fez o fallecido monarcha D. Luiz muitissimas viagens tendo sido seu commandante.

Esta corveta tem magnificas acommodações, camaras muito espaçosas e ricas.

Foi n'esta epoca de gloria, um dos melhores navios em andamento.

Sua Magestade El-Rei D. Luiz, teve sempre muita sympathia por este navio, tendo feito muitos dezenhos e uma bella aguarella d'elle.

Existe no paço um modelo em prata d'este navio, de cerca de um metro de comprimento, que é uma verdadeira belleza artistica, feita pelo habil e distincto artista lavrante o sr. Francisco Celestino Dias.

Como vêem é um dos navios mais antigos da marinha de guerra portugueza.

Corveta *«Duque da Terceira»* foi construida em Lisboa no anno de 1864.

N'essa epoca teve o arsenal da marinha grande desenvolvimento devido ao ministro que dirigia essa pasta que era então o fallecido poeta Mendes Leal, pois construiram-se quatro corvetas *Infante D. João*, *Palmella* que ainda existe hoje como corveta escola de alumnos marinheiros em Lisboa, *Sá da Bandeira* e *Duque da Terceira*.

Este navio tem a lotação de 1118 toneladas e 220 cavallos nominaes de força com o andamento de 10 milhas por hora, e o seu comprimento 53,m40 a sua largura 11,m20. Arma com 5 peças antigas do systema *Armstrong*.

D'estas quatro corvetas só existem duas pois a *Infante D. João* e *Sá da Bandeira*, já foram condemnadas, tendo esta ultima sido afundada no Oceano pelos torpedos, em consequencia de ter sido invadida pela formiga, n'uma das estações coloniaes. Estes quatro navios foram as ultimas corvetas que se construiram em Portugal. De então para cá só teem sido construidas canhoneiras, o que tem feito chegar o nosso arsenal ao estado de abatimento e decadencia em que actualmente se encontra.

Corveta *Rainha de Portugal* [3] foi construida em Inglaterra em 1876 é de 1124 toneladas, as suas machinas desenvolvem a força de 900 cavallos com o andamento de 11 milhas por hora, tem de comprimento 56 metros, de bocca 11m,56. O seu armamento compõe-se de quatro peças de 4 toneladas de pezo cada uma, e outras quatro menores todas do systema *Armstrong*.

Na mesma occasião foi construida a *Mindello*, sendo as duas corvetas lançadas ao mar no mesmo dia. A sua construcção do systema *composit* é detestavel tendo sido pagos como bons navios. a *Mindello* depois de ter feito a primeira estação na Africa voltando ao Tejo entrou no dique para fazer uns reparos, pois suppunham que um navio moderno não estaria muito estragado. Depois de ter feito o concerto abriram as portas ao dique para o navio sair e qual foi o espanto ao verem que juntamente com o dique tambem o navio se enchia de agua, era uma perfeita canastra. Devem suppor o que se passou no arsenal; tiveram que esgotar o navio e sabem quaes foram os carpinteiros e calafates que foram trabalhar para o navio depois de elle esgotado?

Pedreiros!

Forraram o navio interiormente com cimento como qualquer passeio das ruas de Lisboa.

Esquecia-me dizer que na mesma occasião em que estes navios foram feitos tambem em Inglaterra se construiram tres canhoneiras, a *Rio Lima*, *Sado* e *Tamega*. Infelizmente a maior parte dos navios da marinha de guerra portugueza são construidos em Inglaterra, e nos ultimos annos como vemos são estas boas construcções

A canhoneira *Sado* depois do dia *11 de janeiro* d'este anno sahiu do Tejo para desempenhar uma commissão em Africa, e chegando á ilha de Malta teve que voltar para traz; era tal o estado do navio que houve receio que lhe succedesse o mesmo que á corveta *Mindello* com a pequena differença... de se encher de agua em pleno Oceano.

É doloroso tratar da marinha de guerra portugueza, mas prometemol-o, havemos de continuar a cumprir a tarefa.

(Continúa) *Grumete.*

[1] Vidè Occidente n.º 276.

[2] Vidè Occidente n.º 296.

[3] Vidè Occidente n.º 373.

A CIDADE DE WOODSTOWN

(CONTO PHANTASTICO)

Era o logar magnifico para a fundação de uma cidade. Bastava pôr a descoberto as margens do rio, fazendo côrte na vasta floresta virgem allí enraizada desde o começo do mundo. Abrigada então toda em derredor por uma serie ininterrupta de collinas, a cidade nova poderia extender-se encosta abaixo até ir entestar com os caes de um magnifico porto, junto á foz do Rio Vermelho, á curta distancia de duas milhas do Oceano.

Concedida a licença pelo governo de Washington, logo um exercito formidavel de lenhadores e carpinteiros de machado veiu dar começo ao trabalho.

Nunca porém se vira floresta como aquella. Presa ao solo pelos milhares de cabos de cipós flexiveis que a envolviam, bem como pela assombrosa quantidade de enormes raizes, emquanto d'um lado o ferro do lenhador a estava ainda retalhando, já do outro, restabelecida das feridas que recebera, novamente rejuvenescia em verdejantes renovos; a cada machadada destruidora brotavam vicejantes rebentos. Mais depressa cresciam as arvores que as paredes dos novos edificios, e estes, uma vez construidos, desabavam logo sob o poderoso impulso de novas raizes que os vinham deslocar.

Para alcançarem victoria contra aquella resistencia tenaz de encontro á qual se embotavam os gumes dos machados, viram-se os colonos coagidos a empregar o fogo. Dia e noite espessas nuvens de fumo suffocante enchiam a atmosphera, e viam-se aquelles colossos vegetaes da floresta a arder, consumindo-se lentamente como enormes brandões funerarios.

Ainda d'esta vez a floresta tentou a lucta e pretendeu abafar o incendio que a devorava nas ondas perennes de seiva e na frescura sem ar da espessa folhagem. Chegou por fim o inverno, e então a neve, extendendo-se como uma segunda morte por cima de toda aquella vasta região coberta de troncos carbonizados e de raizame convertido em montão de cinzas, veiu tornar possivel a nova tarefa de edificar.

Dentro em pouco a grandiosa cidade, toda de madeira como a de Chicago, se espreguiçava ufana pelas margens do Rio Vermelho, ostentando as largas ruas alinhadas e numeradas, irradiando em volta de praças enormes, com seu palacio da Bolsa, mercados, egrejas, escholas e um grandissimo apparato de pontes, alfandegas, docas, agencias e arsenaes.

A cidade de madeira Woodstown, como logo lhe chamaram, cedo se povoou de milhares de habitantes.

Uma actividade febril correu todos os bairros; mas ao longe, tudo em volta, no cimo das collinas, dominando as ruas atulhadas de gente e o porto coberto de embarcações, ostentava-se sinistra uma enorme barreira sombria e ameaçadora que envolvia a cidade, extendendo se em vasto semicirculo. Era a floresta que fitava o novo povoado. Estava considerando impassivel a insolente

ARTE PORTUGUEZA NO "SALON,,

A LIÇAO DO AVO — Quadro de Sousa Pinto

(Segundo photographia)

cidade que lhe invadira os dominios, roubando-lhe com violencia o logar que occupava á borda do rio, e cerca de tres mil arvores giganteas.

Woodstown fôra toda feita á sua custa. Os altos mastros que se balançavam lá em baixo nas aguas do porto, os telhados sem numero que iam descendo até o da ultima cabana do mais afastado bairro, tudo ella fornecera; tudo, até os mesmos moveis e utensilios, sem outra medida dos serviços prestados que não fosse o comprimento dos troncos. Por isso tambem fundo rancor a minava contra aquella cidade de bandoleiros.

Emquanto durou o inverno nenhuma novidade occorreu. Sómente por vezes ouviam os habitantes de Woodstown uns estalidos surdos e prolongados nos vigamentos das casas e nas madeiras dos moveis. Outras vezes era uma parede que abria largas fendas ou um armazem que abatia, separando-se em dois. Mas como a toda a madeira nova acontece isto, ninguem ligou importancia a taes accidentes. Entretanto approximava-se a primavera, uma primavera tão repentina, tão violenta e tão rica de seivas que todos lhe presentiam a chegada em um ruido enorme, subterraneo, como de violentissima corrente, e o solo começava a ser agitado com força por agentes invisiveis e activos.

Em todas as casas começaram a inchar os moveis; as paredes, os sobrados e os telhados levantavam-se em grandissimas empolas. Nem portas, nem janellas já podiam fecharse. — «É a humidade, diziam os moradores; em vindo o calor isto passa.»

Inesperadamente, de subito, após enorme tempestade vinda do mar e que trazia nos fogos dos relampagos e na tepidez das chuvas as ardencias estivaes, a cidade ao despertar ficou estupefacta. Os telhados vermelhos dos edificios publicos, os campanarios das egrejas, o sobrado das casas e até a madeira dos leitos se viam cobertos de uma capa esverdeada, semelhante a bolor, fina como renda. Vista de perto, reconhecia-se ser formada por uma quantidade enorme de pequenissimos rebentos em que já se distinguia o enrolado das folhas. Este singularissimo effeito das chuvas divertiu todos, e não deixou sombra de inquietação; mas antes que a noite tivesse chegado já todos os moveis, todas as paredes, tudo emfim estava fortemente coberto por um massiço espesso de verdura. Os ramos cresciam a olhos vistos; quando se tomavam ao de leve nas mãos, sentiam-se claramente crescer e debater-se como se tivessem azas.

Na manhã seguinte todas as habitações pareciam estufas. Os cipós cresciam rastejando e prendendo-se escadas acima. Nas ruas estreitas tocavam-se os ramos que bracejavam dos tectos e paredes de um e outro lado, e punham assim sobre a cidade a sombra fechada e fresca das alléas da floresta.

ELVAS — FONTE DA MISERICORDIA

(Segundo uma photographia)

Começavam todos a assustar-se. Emquanto os sabios se reuniam para deliberar sobre este caso de extraordinaria vegetação, o povo apinhava-se nas ruas e praças a ver os differentes aspectos de tão maravilhoso acontecimento.

Os gritos de surpresa e o murmurio de espanto que sahiam das boccas de tantos milhares de pessoas que nem se moviam, davam uma notavel solemnidade a tão singular scena.

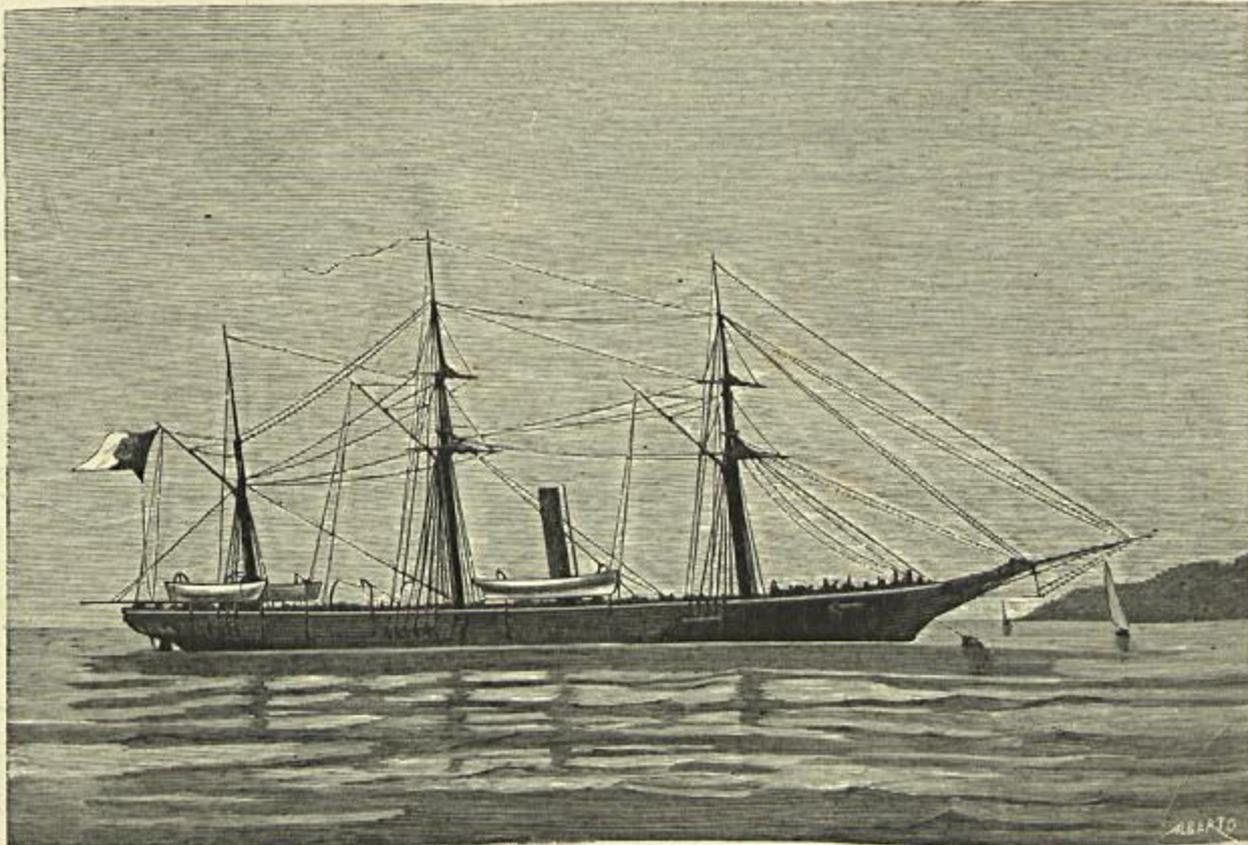
De repente ouviu-se um grito: «Olhem a floresta !» e notou-se então que n'aquelles dias o semicirculo de verdura que envolvia a cidade se approximava, apertando-a com enorme rapidez. Parecia que a floresta ia descer para a cidade. Já uma vanguarda de espinheiros, silvas e cipós verdejantes havia avançado até as primeiras casas dos arrabaldes.

Woodstown começou então a comprehender o fim que a esperava, e teve medo.

Evidentemente a floresta vinha reconquistar o logar que lhe pertencera á borda do rio, e as arvores que violentamente lhe haviam sido arrancadas, cortadas, diversamente distribuidas e transformadas, todas se preparavam para lhe ir ao encontro. Como resistir á invasão? Se recorressem ao fogo arriscavam-se a ficar com a cidade reduzida a cinzas.

E com os machados que poderiam tentar contra a seiva inexgotavel que incessantemente renascia, contra aquellas raizes formidaveis que minavam o solo, contra tantos milhões de sementes que o vento levava, e que prestes germinavam onde quer que cahiam, abrindo-se para dar origem a novas arvores?

Não obstante todos se deitaram á obra armados de fouces, enxadas, machados, e fizeram enorme córte na ramagem. Trabalho perdido! De hora para hora a confusão emmaranhada das grandes florestas virgens, em que os renovos giganteos estão presos uns aos outros pela rede

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A CANHONEIRA VOUGA — Vid. art. Apontamentos sobre a Marinha de Guerra, etc.

fechada e intrincada dos cipós, já invadia completamente as ruas de Woodstown.

A cohorte formidanda de insectos e reptis, avançava já tambem. Appareciam ninhos a cada canto, viam se no ar milhares de azas e milhares de bicos devoradores. N'aquella noite todos os celleiros ficaram esvaziados pela turba infinita de todas as ninhadas recemnascidas.

E ainda como ironia suprema, no meio de tamanho desastre, viam os infelizes habitantes as lindissimas borboletas de mil variegadas e vistosas cores, voando alegres sobre os cachos de flores odoriferas, e as previdentes abelhas que buscavam abrigo seguro e, como prova de que esperavam alli conservar-se, iam estabelecer as colmeias no interior dos troncos das arvores que tão depressa haviam crescido.

Por entre o rumoroso sussurro da folhagem ainda se ouviam vagamente machadadas surdas, mas ao cabo de quatro dias de improbo trabalho chegou o desanimo. A herva elevara-se a uma altura desmedida, formando espesso mattagal. Os cipós que cresciam sem descanso, enlaçavam-se aos braços e corpo dos animosos lenhadores, paralysando-lhes os movimentos. As casas tornaram-se inhabitaveis, os moveis cobertos de folhas perderam as formas proprias, os tectos abatiam, perfurados pelo gume das *yuccas* e pelos rijos espinhos dos *acajus*, e em vez das coberturas de habitações elevou se a majestosa cupula dos *catalpos*. Tudo se perdera; só lhes restava um recurso — a fuga.

Levando comsigo quanto podiam de objectos preciosos, os habitantes de Woodstown, afflictos, espavoridos, precipitaram-se para o rio através da intrincada parede de ramos e trepadeiras que cada vez mais os apertava. Com enorme difficuldade conseguiram alcançar a margem. E surpresos notaram então que o caes desapparecera. No logar d'elle apenas se erguiam agora cannaviaes immensos.

Os grandes arsenaes maritimos, os armazens enormes de madeiras de construcção haviam sido tranformados em pinhaes frondosos, e no vasto e florido porto os navios appareciam como ilhas magnificas de verdura.

Felizmente ainda alli havia alguns couraçados, aos quaes se acolheu a multidão e d'onde póde depois, a salvo e impunemente, contemplar o encontro victorioso da antiga com a nova floresta.

Pouco a pouco se foram confundindo as virentes copas das arvores, até que por fim, sob a limpidez de um céo azul purissimo, deslumbrantemente illuminado pelo sol, a massa enorme de arvoredo se extendeu uniforme desde a margem até a linha extrema do horizonte. Nem já se divisavam vestigios da cidade, dos tectos ou das paredes.

De tempos a tempos resoavam sob a espessa folhagem o ruido surdo de algum desmoronamento, derradeiro echo da ruina, ou uma machadada de algum desesperado lenhador. Depois, no meio do silencio profundo, só se ouvia o zumbido das nuvens de borboletas brancas que voejavam em caprichosas voltas por sobre as margens desertas, ao passo que lá ao longe, no mar largo, se avistava um navio com tres grandissimas arvores verdejantes erguidas entre as velas: n'elle eram conduzidos os ultimos emigrantes do que uma vez foi Woodstown.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

Na porta do predio não estava ninguem.

Os tres avançaram galharda e galhiteiramente, o Dominguinhos com uma das senhoras a cada braço.

Entraram no portal sem ninguem sahir, mas segundo a proposta da sr.ª Leitão, acceite pela Ignacinha e pelo Dominguinhos a porta agora não decidia nada, quem decidia era a escada.

Mas quando iam a pôr o pé no primeiro degrau do primeiro lanço sentiram passos lá em cima.

— Vem gente, disse a Ignacinha triumphante.

A mãe mordeu os beiços despeitada.

— Não vem, vae emendou o Dominguinhos.

— E' verdade vae, approvou logo a sr.ª Leitão.

— Não senhor, vem, teimou a Ignacinha.

— O' menina, não teimes, não vês que são passos que sobem.

— São, são, confirmou o Dominguinhos.

— Ora vamos a ver, disse a Ignacinha voltando a cabeça e olhando para cima.

A mãe fez o mesmo e outro tanto o Dominguinhos.

— Não se vê nada, disse a Ignacinha.

— E' que a pessoa vae do lado da parede explicou o Dominguinhos.

— Como sabe o sr. isso? perguntou a sr.ª Leitão muito admirada.

— Pois se fosse do lado do corrimão havia de se vêr d'aqui, disse muito singelamente o Dominguinhos não querendo fazer mysterios do seu raciocinio.

— Olhem, escutem, ordenou a Ignacinha applicando o ouvido.

E depois com um ar triumphante perguntou d'ali a pedaço.

— Então vem para baixo ou vão para cima, os passos!

— Vão para cima, insistiu a sr.ª Leitão.

O Dominguinhos antes de responder outra vez esteve um bocado de ouvido á escuta e por fim decidiu:

— Perdão, minha senhora, agora vem para baixo, de facto vem para baixo.

— Ah! exclamou altiva e victoriosa a Ignacinha.

— Não pode ser, então ainda agora não iam para cima? perguntou a sr. Leitão.

— Sim senhora.

— E agora vem para baixo!

— Então quem é anda para baixo e para cima, e para cima e para baixo. Então uma escada é passeio publico!

— Eu não sei o que é, sei que é assim mesmo, tornou o Dominguinhos.

— Não pode ser, teimou a sr.ª Leitão.

— Tanto pode que quem é vem já ahi. Não veem!

— É verdade disse o Domingos.

A sr.ª Leitão não disse nada mas não podia negar, que os passos vinham já muito proximo, no ultimo lance.

— Vá soltar o Quim, ande, ordenou a Ignacinha.

— Com todo o gosto, submetto-me aos decretos do destino, disse o Dominuinhos dirigindo-se para a porta da rua.

— Suspenda! Suspenda! gritou de repente a sr.ª Leitão com voz imperiosa ao ver a pessoa que descia.

— Suspenda porque? perguntou o Dominguinhos parando indeciso.

— Ah! é o papa! exclamou a Ignacinha indo ao encontro do dono dos pés que desciam a escada.

— Mas o que estão vocês a fazer aqui na escada? perguntou o sr. Leitão muito admirado ao ver a sua familia ali.

— Estamos a consultar o destino, explicou a sr.ª Leitão.

O marido olhou para ella muito espantado, julgando que ella tinha endoidecido, e repetiu machinalmente, sem comprehender.

— A consultar o destino!

— Sim, confirmou a sr.ª Leitão.

E voltando-se para o Dominguinhos que se aproximava do sr. Leitão, de mão estendida para lhe fazer os seus cumprimentos disse-lhe.

— Não vá soltar o Quim.

— Soltar o Quim! repetiu aparvalhado o Leitão percebendo cada vez menos.

— Não vá! Ora essa! Então porque não ha de ir! recalcitrou a Ignacinha.

— Porque, quem descia a escada era teu pae.

— Mas o que tem isso!

— Nós não tinhamos fallado em pessoas de familia, contestou a sr. Leitão.

— Exactamente, não tinhamos fallado em pessoas de familia e portanto essas pessoas são como quaesquer outras

— Isso é que não: um pae nunca pode ser para uma filha e para uma esposa uma pessoa como qualquer outra, disse a sr.ª Leitão com um grande exaggero de affectos familiares.

— Lá isso é verdade, tua mãe diz muito bem approvou encantado o Leitão.

— Vês? Ouves o que diz teu pae?

— O papa não sabe do que se trata.

— Um pae sabe sempre do que se trata, contestou a sr.ª Leitão.

— Não, lá isso não, não é tanto assim, confessou o Leitão e a prova é que eu estou perfeitamente a nadar.

— Então o papá é menos que um gallego!

— Sou menos que um gallego? perguntou o sr. Leitão embasbacado, aturdido.

— Menina, não insulte o auctor dos seus dias, reprehendeu a sr.ª Leitão.

— Eu não o insulto respondeu muito espevitada a Ignacinha, a mamã é que o está insultando.

— Eu! Pois tu atreveste a dizer que eu insulto teu pae?

— Então, então, intervieram ao mesmo tempo, muito conciliadores o sr. Leitão e o Dominguinhos.

A Ignacinha explicou a sua pergunta e o seu dito:

— Está bem de ver. A mamã ainda agora queria que um gallego se contasse por gente e agora não quer que o papa se conte.

— Mas que demonio de historia é esta, disse por fim o Leitão começando a ter medo de endoidecer, o que vem a ser isso do gallego, do destino, de mim!

— Eu lhe explico, disse a Ignacinha

— Perdão, explico eu que sou tua esposa, disse a sr.ª Leitão revindicando os seus direitos

— Perdão, disse a seu turno o Dominguinhos, eu explico porque estou a sangue frio e V. Ex.as não estão.

Mas sem fazerem caso dos perdões uns dos outros, todos tres começaram ao mesmo tempo a explicar em *tercetto* ao Leitão a historia da consulta do Destino na escada para dar ou não a liberdade ao Quim.

Primeiro que o Leitão percebesse o que era aquillo custou. Por fim, á força de lhe repetirem sete ou oito vezes a historia principiou a perceber, e então tomou o papel de arbitro, o papel de Destino.

— Quem descia era eu por tanto compete-me decidir a questão, disse elle.

As duas e o Dominguinhos submetteram-se a essa arbitragem emquanto não souberam para qual dos lados ella pendia.

— Eu descia a escada, decidiu o Leitão, eu prezo-me de ser gente e por tanto Dominguinhos vá soltar o Quim.

— Protesto, protesto, gritou a sr.ª Leitão vendo que a balança pendia para o lado da Ignacinha.

— Não admitto protestos.

— Tu és pae.

— Mas um pae tambem é gente.

— N'este caso não é tal.

— Pois seja ou não seja gente disse o Leitão para terminar o debate, sou homem, sou chefe de familia, sou cavalheiro e n'esta triplice qualidade aconselho, peço e ordeno se tanto fôr mister, ao Dominguinhos que vá soltar o Quim.

— Appoiado! Appoiado! disse a Ignacinha ao passo que a mãe a atravessava com os olhos.

— O cavalheirismo deve ser sempre a divisa d'um cavalheiro. O senhor é inimigo do Quim, tem muita razão, mate-o mesmo se quizer, mas mate-o ás suas mãos no campo da honra, não o deixe matar ás mãos d'um cabo da municipal na casa da guarda.

A sr.ª Leitão queria fallar.

— Cale a bocca, ordenou o Leitão grave, olympico, cheio da sua soberania, e o Dominguinhos vá soltar o Quim e depois venha jantar comnosco, tem um talher na minha meza á sua espera.

— Bravo! Bravo! applaudiu a Ignacinha radiante.

A sr.ª Leitão mordeu os beiços até fazer espirrar o sangue.

— Vou? perguntou meio hesitante o Dominguinhos.

— Vá, ordenou com um gesto Pombalino o sr. Leitão.

E o Dominguinhos foi.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

OS MEUS LIVROS

V

Gomes Leal, n'uma terrivel *charge*, desanca a Inglaterra em todos os seus ridiculos, vicios, fraquezas e manias.

TROÇA Á INGLATERRA, é um foguete de guerra que atravessa a pança de Jonh Bull, de modo que toda a gente rirá d'essa cegonha Albion que em todo o mundo tem sido o gaudio do rapazio.

Diz o poeta justificando a sua obra:

. . . .

Se Homero, farto de cantar heroes,
fez um poema á rã e mais ao rato,
se Sadi celebrou os rouxinoes,
e Tasso aos olhos verdes do seu gato
cantantes rimas fez...
se Hugo idealisou o burro e o sapo,
e sobre elles bordou aureo discurso,
com rico ouro francez,
se o Heine fez a epopêa do urso...
— porque é que ainda ninguem cantou o inglez?

. . . .

Se nem toda a imprensa tem sido aggressiva para o inglez, é certo que essa attitude foi motivada

mais pela comprehensão de que só deve aggredir quem dispuzer de força... Pelo menos foi esta a doctrina apresentada.

Modos de ver, porque o auctor da TROÇA Á INGLATERRA diz:

que Jonh Bull nunca será guerreiro,
ou coisa que lá toque:
quer lance o torpedeiro,
quer maneje espadim, espadagão, estoque.
Nasceu, será, ha de morrer fanqueiro,
amarrado ao balcão, ao metro, mais ao bock

Gomes Leal, apesar do seu isolamento de alguns annos, tem ainda a mesma nota vibrante de Ironia com que fustiga o Mal e a Ignorancia, esses monstros que teem conquistado este pobre Portugal.

A TROÇA Á INGLATERRA é mais uma producção brilhante do espirito de *élite* do nobre coração que escreveu o *Hereje* e a *Vida de Jesus*, o *Protesto d'Alguem* e as *Claridades do Sul*, onde, ao passo que affirmou o seu talento, evidenciava o seu altruismo.

Serei eu, decerto, o menos competente para tributar homenagens ao poeta que ao lado de João de Deus, a alma comtemplativa, melhor tem sabido vibrar o espirito nacional; Comtudo, o ideal de justiça que sempre me tem dirigido não deve n'este momento ser posto de parte.

*
* *

Tratemos agora de apresentar o trabalho de um rapaz modestissimo, e por isso já possuidor de um verdadeiro modo litterario que o destaca, vantajosamente, do meio dos modernos escriptores.

Chama-se a obra *Julio Cesar Machado*; e o seu auctor, Alfredo Mesquita.

Retrato litterario lhe chama o novel escriptor. De facto não o póde ser mais completo; porque se o nosso querido Julio Cesar Machado fosse vivo ficaria admirado de encontrar quem escrevesse com o seu espirito, as suas ideias, a sua inimitavel delicadeza e proverbial galanteria; de maneira que Alfredo Mesquita só não possue, como as tinha o saudoso folhetinista da *Revolução de Setembro*, a experiencia e erudicção que a edade consegue.

Para demonstrar o que acabamos de dizer, transcrevemos da publicação de Alfredo Mesquita os seguintes periodos, referidos á impressão causada no publico, leitor da *Revolução de Setembro*, pela substituição de Antonio Pedro Lopes de Mendonça por Julio Machado:

«A terça feira era o dia costumado de folhetim. Pouco depois da apparição do primeiro firmado pelo novo nome, o jornal, ás terças-feiras, augmentava de venda e logo crescia na tiragem.»

«Outros jornaes convidavam-o á collaboração, e elle, na febre do renome e do lucro, não recusava, chegando então a accumular tres folhetins de revista de semana. Tomára isto suas parecenças de milagre inacreditavel, se attendermos a que esta nossa vida portugueza não se movimenta em factos tão frequentes que forneçam thema para continuadas divagações capazes de excitarem o espirito publico, tendo-se de variar, para não massal'o, nos assumptos, em meio que se mostra de ordinario, pesadamente invariavel. Mas, — verdadeiro milagre das suas prodigiosas faculdades e artificio raro! — elle vencia este embaraço difficil, achando sempre muito que dizer, quasi sempre a respeito de nada, com a magia de prestimano que extrahe d'um fundo de chapeu alto uma creança recemnascida, todo um enxoval de baptisado e, se lh'o exigirem, a ama...»

Depois d'esta transcripção crêmos ter comprovado não poder existir melhor continuador da obra de Julio Machado do que este rapaz, de um arrojado talento que, logo na primeira producção litteraria, ganha as esporas de ouro tão pouco faceis de conquistar no torneio das lettras.

*
* *

A missão da mulher; — é o titulo de um volume da Bibliotheca do Povo e das Escolas, escripto pelo nosso amigo e collega Alfredo de Campos.

O assumpto é dos taes que faz lembrar o velho dito do compadre alemtejano a quem notaram a falta de meias: — *ou de seda ou não as calçar* — respondera o alemtejano. Ora para tratar da missão da mulher no momento actual não ha, effectivamente, meio-termo. Ou se ha de escrever uma obra de largo folgo, ou então não se trata do assumpto.

Vamos ver como Alfredo de Campos se sahiu do terrivel *quarto d'hora de Rabelais*. Do modo mais simples. Fez um livrinho de propaganda elementar, para escolas, propaganda de instrucção; e em menos de setenta paginas consegue expor o que deve ser a mulher como *esposa, filha, mãe, no lar, pelo amor, na sociedade, sua influencia nas gerações futuras, emancipação, e sua missão*.

Os diversos capitulos da obra *Missão da mulher* de Alfredo de Campos são enflorados por phrases de Maria Amalia Vaz de Carvalho, do bello livro *Mulheres e Creanças*, como é de justiça e digno preito ao talento de uma senhora que tanto se tem dedicado pela educação da mulher no nosso paiz.

Ao nosso bondoso amigo Alfredo de Campos, rendendo homenagem á sua esclarecida intelligencia, agradecemos a distincção da offerta do seu encantador livrinho.

*
* *

Como nos falta o espaço, no proximo numero trataremos da ardente satyra de Bulhão Pato, *O Pavilhão Vermelho*, que o grande poeta pessoalmente se dignou offerecer-nos. Fineza que não sabemos como agradecer.

Manoel Barradas

NOVIDADES DA SCIENCIA

FABRICA DE TUBOS DE CANALISAÇÃO EM VIDRO. — M. Léon Appert fez na Sociedade Industrial de Paris uma communicação sobre o fabrico da tubagem de canalisação em vidro.

O vidro, quando os elementos que o compõem são em proporções convenientes é, com effeito, inalteravel ás aguas viciadas e a todos os acidos, á excepção do acido fluorhydrico. É egualmente impermeavel ao gaz, mau conductor da electrecidade, e, alem d'isso, o polido e a ausencia de porosidade da sua superficie permittem limpal-o facilmente das impurezas e germens morbidos que possam manchal-o. Só elle, e a porcelana possuem esta propriedade.

Junte-se a estes dotes especiaes o do seu peso especifico comparado com o do ferro fundido e outros metaes, e ver-se-ha quanto é precioso o seu emprego em certas circumstancias. É pena realmente que o seu fabrico não seja ainda sufficientemente economico.

M. Appert dá ao seu processo o nome de *processo de moldagem methodica* applicando-o á confecção de todas as especies de peças de grandes dimensões e de grande extensão, abertas, ou não, nas suas extremidades.

Na economia d'este processo elle procura, ao inverso do que se faz no processo ordinario, em conservar ao vidro a sua malleabilidade por mais longo tempo possivel, e por isso mesmo, a moldal-o em condições taes que elle esfrie o menos possivel e sómente pouco a pouco á medida da sua moldagem.

Para esse fim M. Appert inventou uma machina de moldar, por meio da qual elle pode fabricar tubos de $1,25^m$ a $1,50^m$ de comprimento util. Os tubos assim obtidos são abertos nas duas extremidades, mas estas sendo de grande espessura e desiguaes são de ordinario supprimidas, na extensão de 15 a 20 c. m.

Esta operação se faz cortando os tubos em torno ou enrolando um fio de ferro quente em volta e applicando em seguida um corpo, bom conductor, sobre o sitio escandecente.

Este processo está destinado a prestar importantes serviços na substituição dos tubos de grès e de ferro fundido, mas precisa ainda novos estudos de applicação e talvez algumas pequenas modificações no seu fabrico.

REVISTA POLITICA

Principiaremos por emendar um erro typographico que sahiu no fim da nossa ultima revista, para que os geographos não andem a barafustar em procura da Helgolana descoberta pelo nosso compositor em vez da Helgoland, pequena ilha no mar do Norte, proxima da costa allemã, ha tanto tempo cubiçada pelos allemães aos inglezes, que por sua vez a empalmaram aos Dinamarquezes em 1807.

Feita esta pequena correcção, entremos na ordem do dia, que nem sempre é das coisas mais faceis como o está provando a camara dos srs. deputados com as suas costumadas sessões tumultuosas sobre o modo de propôr ou de votar, em que ninguem se entende e tudo acaba com os dignos membros porem o chapeu na cabeça e sahirem para a rua, a tomar o bello fresco d'estas noites de estio que vão passando.

Assim tem sido varias sessões da camara, assim foi uma das ultimas sessões nocturnas, em que não se conseguiu entrar na ordem da noite, levantando-se grande questão sobre a acta.

O sr. Guerra Junqueiro disse coisas que espantaram a camara, apesar de entre essas coisas haverem muitas tristes verdades, e por fim despediu-se do parlamento, como quem não está para o aturar. O sr. capitão Machado tem sido de uma verbosidade incansavel, e elle só por si quasi que tem absorvido as sessões parlamentares fallando, fallando pelos cotovellos, sobre tudo, a proposito de tudo com uma tenacidade heroica que, se o não leva á gloria, deve leval-o pelo menos a uma cadeira de ministro n'um governo futuro, porque emfim d'aquella massa é que elles se fazem e o caminho é este.

Contaram-nos, que uma noite d'estas, ja muito fóra d'horas se sentio extranho ruido na sala do parlamento, e indagando-se o que seria, foi encontrado ali o sr. capitão Machado discursando calorosamente. Esquecera-se que acabara a sessão e continuava a fallar sobre os 6% addicionaes.

O caso não é para menos porque os 6% addicionaes, que ao governo lhe parecia a coisa mais rasoavel d'este mundo, vão custando a digrir e tem levantado maiores difficuldades do que se esperava para serem approvados.

O governo cança-se a explicar que não tem culpa d'estes augmentos; que o seu fim é remediar o que o seu antecessor fez, mas como ha tantos annos os governos veem sempre remediar o mal que fizeram os que o antecederam, chega-se ao justo receio de que um dia o mal não tenha cura seguindo este processo.

Os 6% é um expediente de occasião que se affigurou mais prompto e menos complicado para occorrer as difficuldades tambem de occasião, mas não nos parece que seja uma medida financeira que tenha outro alcance mais que alcançar a bolsa do contribuinte já sufficientemente cootisada.

O monopolio do tabaco, que entrou de rancho com os 6% addicionaes na discussão, é do mesmo modo uma medida de expediente financeiro para remediar um mal á custa d'outro mal.

Um recurso que não abona os recursos financeiros do paiz, como nunca abona o sacrificar uma liberdade conquistada retrocedendo meio seculo atraz.

Mas como não hade ser assim se assim o querem os partidos; mas como não hade ser assim se nenhum governo tem força e desprendimento para fazer uma profunda reforma no systema financeiro que nos está dando estes tristes resultados?

E porque todos tem eguaes culpas e eguaes ambições, os debates parlamentares não tem a auctoridade e o prestigio que deviam ter e estereilisam-se na vulgaridade das discussões apaixonadas e facciosas que todos presenciamos, sem podermos acreditar na sinceridade e convicção do ataque ou da defesa, mesmo d'aquelles que mais insentos parecem ser.

A discussão d'estas duas medidas financeiras promette alongar-se apesar da época legislativa ter já finuado e da camara estar aberta sob o regimen das prorogações.

Entretanto já se votaram varios projectos e entre elles o da aposentação dos parochos de ha muito justamente solicitada pelo clero, que sendo um funccionario do Estado como qualquer outro, não tinha garantia nenhuma para o seu futuro.

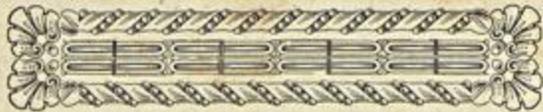
Outros projectos foram tambem apresentados pelo governo para serem discutidos n'esta época.

O projecto de um cabo telegraphico sub-marino para os Açores cuja utilidade é incontestavel. O projecto de um caminho de ferro entre Mossamedes e a Chella na nossa Africa Occidental, obra de ha muito reclamada para o desenvolvimento d'aquella provincia, e que tem sido preterida por varias causas.

O projecto para estabelecer premios á navegação portugueza á semelhança do que se pratica em França, como meio de levantar do abatimento a que chegou a nossa marinha.

A opinião publica está com estes projectos, e para que nem tudo sejam espinhos vem estas rosas encobril-os.

Que ao menos ellas se possam colher passando de uma promessa á realidade.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

O GENERAL DE CHELMICKI. — Falleceu em Tavira, no dia 28 de junho, o general de divisão sr. José Chelmicki, um valente e illustrado militar que fez parte do exercito liberal de D. Pedro IV.

Chelmicki era de origem polaca e no seu paiz combateu pela liberdade da Polonia, contra a oppressão da Russia em 1830 e 1831. Tinha então o bravo militar apenas 19 annos de idade e era alferes de cavallaria ligeira.

Perdida a independencia do seu paiz, Chelmicki emigrou para França, onde completou os seus estudos de engenheria, em 1833, e veio para Portugal com o posto de segundo tenente de engenheiros, infileirar-se no exercito de D. Pedro IV que combatia no Porto.

Terminada a campanha foi logo empregado em commissões de serviço militar, indo para a praça d'Elvas.

Em 1835 foi para Cabo Verde e Guiné e a respeito d'estas possessões publicou a *Chorographia Cabo Verdiana.*

A esta commissão se seguiram outras na metropole de serviços geodesicos e topographicos, e em 1846 entrou para a repartição do quartel mestre general do duque de Saldanha.

Tomou parte na acção de Torres Vedras onde ganhou o posto de capitão por destincção.

Em 1849, foi nomeado director das obras publicas do Alemtejo e sob a sua direcção foram construidas as estradas de Elvas, Portalegre e outras n'aquella provincia.

Exonerado d'esta commissão passou á de inspector das obras publicas da mesma provincia e da do Algarve, sendo depois nomeado para inspector dos edificios e monumentos de Portugal e membro da Junta Consultiva de Obras Publicas.

Tomou conta do commando da engenheria da 3.ª divisão militar, em 1869, onde se conservou até 1873, indo então, por ordem do ministerio da guerra, visitar differentes estabelecimentos militares no estrangeiro.

D'esta commissão apresentou excellentes relatorios e dezenhos que são a melhor prova da sua competencia e bons serviços.

Promovido a general de brigada, em 1876, foi commandar a sub-divisão de Faro. Alli escreveu a sua obra *Ensaios sobre a defeza de Portugal* com uma carta do paiz.

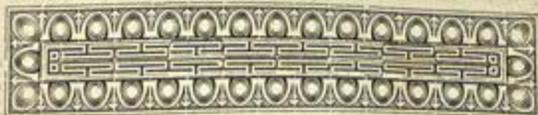
Extinctas as sub divisões militares, o general Chelmicki foi nomeado governador da praça d'Elvas e commandante da 4.ª divisão militar.

Em 1888 reformou-se depois de um serviço effectivo de 55 annos no exercito portuguez com a maior intellegencia e dedicação.

Era condecorado com as commendas de grancruz de Aviz e de Christo, habitos da Torre e Espada, Conceição e Isabel a Catholica e medalhas das campanhas da liberdade.

Foi um militar prestante e uma alma generosa.

SOUZA PINTO. — Este distincto pintor, que tem estado em Paris, veio a Portugal para pintar para a sala das sessões da Camara Municipal do Porto, um retrato de Sua Magestade El-Rei D. Carlos.

O sr. Souza Pinto já tem tido algumas sessões com Sua Magestade para lhe tirar o retrato.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Infamia *carta a sua magestade el-rei D. Carlos a proposito do Conflicto Anglo-Portuguez*, por Silva Ferraz. Porto. O auctor offerece esta poesia, em que palpita o amor da patria, ao intrepido explorador Serpa Pinto.

Os Cães Britannicos ou a Nyassaland *do Rev. Horace Waller* commentado por Henrique A. D. de Carvalho. Lisboa, 1890. Um folheto de 72 pag.as. Este folheto tem relação com o que se está passando em Africa que levantou o conflicto entre Portugal e a Inglaterra. É uma resposta levantada e digna a um folheto que appareceu em Londres depois do *ultimatum* de 11 de janeiro, sob o titulo *Nyassaland*, escripto pelo rev. Horace Waller, superintendente da missão das Universidades escocezas, estabelecida na região portugueza da costa oriental de Africa, entre o Zambeze, o Chire, o Nhassa e o Rovuma. N'esse folheto o rev. Horace Waller, esquecendo-se da propria dignidade, tomou por epigraphe do seu escripto — *que se é bom o cão que ladra muito melhor é o que fila uma presa para a não largar.*

N'este caso a preza eram as possesões portuguezas de Africa, o cão era a Inglaterra; e digamnos depois d'isto se é certo que ninguem se conhece.

O sr. Henrique de Carvalho, com a proficiencia que o distingue nos assumptos africanos, commenta e rebate valentemente todas as barbaridades do rev. Horacio Waller. Que nunca as mãos lhe doam.

As Salinas e a decima predial *noticia e documentos* por Junipero da Costa Pinto. Saligão, 1890. Um folheto de 32 pag.as em que se trata a velha questão da producção do Sal na India Portugueza, cada vez mais aggravada pelas imposições dos inglezes. São estes amigos que por toda a parte nos perseguem para nos *beneficiarem*. O folheto termina com um requerimento dirigido a Sua Magestade pedindo providencias contra o vexame que estão soffrendo os proprietarios das Salinas, com a contribuição que lhes foi lançada. Parecenos justo o pedido.

CAVALLO ELECTRICO DE SLATTERY

Relatorio dos Actos da Direcção da Associação Commercial do Porto *no anno de 1889, apresentado á assemblea geral em sessão de 26 de abril de 1890 sendo 1.º secretario* J. H. Andresen Junior. Porto, 1890. Um Vol. de 134 pag.as in-8.º com muitos mappas estatisticos. Este relatorio estudando muitas questões economicas para o commercio da segunda cidade do reino, representa um trabalho importante e que bem mostra a grande importancia d'esta associação respeitavel e que se tem encontrado sempre á frente dos grandes melhoramentos operados na cidade do Porto. Falta-nos o espaço para apreciarmos devidamente este documento honroso da vitalidade de tão importante associação, mas sempre diremos que só os seus mappas estatisticos offerecem interessantes dados muito especialmente sobre o grande commercio de vinhos.

Relicario *versos* por Vicente de Carvalho. Porto, 1889. Um Vol. de 100 pag.as in-16.º E' esta uma segunda edição o que basta para recommendar a obra, que aliaz é de um poeta muito laureado no Brazil. *O Relicario* tem versos primorosos.

Real Gymnasio Club Portuguez *relatorio da direcção e parecer da commissão revisora de contas, gerencia de 1889.* Lisboa 1890. Não tem sido sem grandes esforços que esta sympathica sociedade, que bem se póde considerar de utilidade publica, tem prosperado. Lendo o relatorio vêmos que lucta ainda com difficuldades, que é de esperar desappareçam, attenta a grande vitalidade d'esta associação.

Importation Abusive en Afrique *par des sujets anglais d'armes perfectionnées — protestation présentée au gouvernement portugais par la Société de Géographie de Lisbonne (traduction).* Lisbonne, 1889.

L'incident Anglo-Portugais *motion votée a la Séance de la Société de Géographie de Lisbonne de* 2 de Dezembre 1889. Lisbonne, 1889.

Historia da Luzitania e da Iberia; — Recebemos o fasciculo N.º 18 d'esta obra monumental do grande historiador João Bonança. Com este fasciculo fica o 1.º vol. em 579 pag.as

Assigna-se, em Lisboa, na Rua Ivens n.º 41. Cada fasciculo é de 32 pag.as ao preço de 400 rs: em todas as terras onde haja estações postaes: — por volume pago adiantado 6:000 rs; a obra completa (3 volumes) pago adiantado 27$000 reis.

Bibliotheca Romantica Economica. — Sob este titulo está publicando a casa editora Alcino Aranha & C.ª, do Porto, uma serie de pequenos livros de litteratura, em que figuram os melhores auctores estrangeiros. Ha já publicados quatro volumes d'esta bibliotheca, a saber: Dois contos de Hawthovne, I *O assassinio do sr Higginbotham*, II *A Filha de Rapaccini*, versão de João Chagas; H. de Balzac, *A Estalagem Vermelha*, versão de Jayme Filinto; Edgar Poe, *O duplo assassinato da rua Morgue*, tradução de Manoel d'Oliveira Ramos; H. de Balzac, *O elixir de longa vida*, versão de Jayme Filinto.

Algumas palavras *a proposito do mappa estatistico dos doentes que fizeram uso das aguas, no estabelecimento thermal das Caldas da Rainha, no anno de 1890, apresentado pelo 1.º medico do Hospital Real e inspector do estabelecimento* José Filippe d'Andrade Rebello. Alcobaça, typographia de A. Coelho da Silva, 1890. Aprecia o novo regulamento que reje aquelle estabelecimento, demonstrando as suas vantagens.

O ideal portuguez por João Bento Castel Branco. Porto, typographia da Empreza Litteraria e Typographica, 1890. *O ideal portuguez* é o titulo com que o auctor precede a *justificação e projecto d'estatutos para a montagem d'uma vasta empreza colonisadora africana* com uma carta dirigida ao illustre ministro da instrucção publica sr. João Marcellino Arroyo.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43